

REVISTA
BRASILEIRA
DE **SEGURANÇA PÚBLICA**

Volume 13

Número 1

Fevereiro/Março de 2019



**FÓRUM BRASILEIRO DE
SEGURANÇA PÚBLICA**

ISSN 1981-1659

Expediente

Esta é uma publicação semestral do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

ISSN 1981-1659

Rev. bras. segur. pública vol. 13 n.1 São Paulo fevereiro/março 2019

Comitê Editorial

Ludmila Ribeiro (Universidade Federal de Minas Gerais)
Samira Bueno (Fórum Brasileiro de Segurança Pública)

Conselho Editorial

Elizabeth R. Leeds (Centro para Estudos Internacionais (MIT) e Washington Office on Latin America (WOLA)/ Estados Unidos)
Antônio Carlos Carballo (Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro/ Rio de Janeiro/ Brasil)
Christopher Stone (Nova Iorque/Estados Unidos)
Fiona Macaulay (University of Bradford – Bradford/ West Yorkshire/ Reino Unido)
Luiz Henrique Proença Soares (Fundação SEADE – São Paulo/ São Paulo/ Brasil)
Maria Stela Grossi Porto (Universidade de Brasília – Brasília/ Distrito Federal/ Brasil)
Michel Misse (Universidade Federal do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro/ Rio de Janeiro/ Brasil)
Sérgio Adorno (Universidade de São Paulo – São Paulo/ São Paulo/ Brasil)

Assistentes Editoriais

David Marques
Isabela Sobral

Equipe RBSP

Samira Bueno, David Marques, Marina Pinheiro, Isabela Sobral, Dennis Pacheco e Eduardo Truglio

Capa e produção editorial

Eduardo Truglio

Endereço

Rua Amália de Noronha, 151, Cj. 405
Pinheiros, São Paulo - SP - Brasil - 05410-010

Telefone

(11) 3081-0925

E-mail

revista@forumseguranca.org.br

Apoio

Open Society Foundations e Ford Foundation.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Elizabeth Leeds – Presidente de Honra
Elisandro Lotin de Souza – Presidente do Conselho de Administração
Renato Sérgio de Lima – Diretor Presidente
Samira Bueno – Diretora Executiva

Conselhos de Administração e Fiscal

Arthur Trindade Maranhão Costa
Ascânio Rodrigues Correia Junior
Cássio Thyone A. de Rosa
Cristiane do Socorro Loureiro Lima
Daniel Ricardo Cerqueira
Isabel Figueiredo
Jésus Trindade Barreto Jr.

Marlene Inês Spaniol
Paula Ferreira Poncioni
Thandara Santos
Camila Caldeira Nunes Dias
Edson Marcos Leal Soares Ramos
Sérgio Roberto de Abreu



Efeitos do medo do crime na rotina e na saúde mental de adolescentes moradores da periferia de Belém (PA)

Rosália do Socorro Silva Corrêa

Doutora em Sociologia - UFPB. Mestre em Ciência Política - IUPERJ. Especialista em Ciência Política - UFPB. Pesquisadora e Professora Titular Pós-Stricto Sensu I de Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano - UNAMA.

Jane Farias Ferreira

Especialista em Educação Classe I - Seduc-PA. Pesquisadora do GEPEM/UEPA. Graduação em Pedagogia - UNAMA. Especialização em Docência do Ensino Superior pelo - CESUPA. Mestre em Desenvolvimento Meio Ambiente Urbano - UNAMA.

Maria Lúcia Bahia Lopes

Graduação em Ciências - UFPB. Mestrado em Economia - UNAMA e Doutorado em Economia Aplicada - UFV. Atualmente é técnica científica V - Banco da Amazônia - Belém e professora do Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano - UNAMA.

Fabício Khoury Rebello

Graduação em Economia - UNAMA. Mestre em Agriculturas Amazônicas - UFPB. Doutor em Ciências Agrárias. Área de concentração em Agroecossistemas da Amazônia. Professor Adjunto II - UFPA, lotado no Instituto Socioambiental e dos Recursos Hídricos.

Data de recebimento: 24/10/2018

Data de aprovação: 19/12/2018

DOI: 10.31060/rbsp.2019.v13.n1.1025

Resumo

Neste artigo, apresenta-se o resultado de um estudo exploratório realizado com o objetivo de verificar de que forma o medo do crime provoca mudanças de rotina e afeta a saúde mental dos adolescentes, estudantes e moradores de bairros da periferia de Belém, capital do estado do Pará, onde as ocorrências criminais são frequentes e os adolescentes convivem rotineiramente com situações violentas. Os resultados derivaram da primeira parte de uma pesquisa sobre violência urbana, que se estenderá para outros bairros, em busca de conhecer as novas estratégias criadas pelos adolescentes para enfrentar o medo do crime que resulta da insegurança pública. A pesquisa incluiu 28 estudantes do ensino médio, com idade entre 15 e 17 anos, matriculados em uma escola pública da rede estadual de ensino localizada no bairro do Bengu, um dos mais violentos da capital paraense, segundo dados Secretaria de Defesa e Segurança Pública do Estado do Pará (Segup). Percebe-se que o medo altera a rotina e os hábitos de convivência social dos adolescentes, bem como afeta a sua saúde mental, mas também potencializa recursos de prevenção e proteção contra o crime, para se evitar esse sentimento.

Palavras -Chave

Medo do crime; Adolescentes; Violência urbana; Insegurança pública.

Abstract

Fear of Crime Effects in Routine and Mental Health of Adolescents Living in the City of Belém (PA) Peripheral Zones

This article shows the results of an exploratory study aiming to verify how fear of crime causes changes in routine and affects the mental health of adolescents, students and residents of peripheral zones of Belém, state of Pará where crime offenses occur more often and the adolescents witness violent situations on a daily basis. The results originate from the research first phase on urban violence, which will cover other zones to learn the new strategies created by the adolescents to face fear of crime resulting from public insecurity crime. The information for the research development were collected from 28 high school students, between 15 and 17 years of age, enrolled in a public school located in Begui, in the periphery of Belém, and one of the most violent areas in the state capital, according to State Secretary of Public Defense (SEGUP). It is found that fear is changing the adolescents' routine and social living habits, as well as mental health, but also empowered resources of prevention and protection against crime, to avoid this feeling.

Keywords

Fear of crime; Public Insecurity; Mental Health; Urban Violence.

INTRODUÇÃO

Com base nos dados do Ministério da Saúde, o Atlas da Violência de 2017 mostrou que a taxa de homicídio dos jovens entre 15 e 29 anos aumentou 17,2 % entre 2005 e 2015. Nesse período, mais de 318 mil jovens foram assassinados no Brasil. No estado do Pará, em 2015, foram registrados 1.936 homicídios de jovens, com crescimento de 78,9% na última década (CERQUEIRA et al., 2017).

O município de Belém acompanhou este crescimento da criminalidade e ocupava, em 2017, o segundo lugar entre as capitais brasileiras no *ranking* dos Crimes Violentos Letais Intencionais, com a taxa de 64,9 mortes por 100 mil habitantes, perdendo apenas para Aracajú (66,7 mortes por 100 mil hab.), conforme o Anuário de Segurança Pública (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2017).

Apesar da publicação dessas estatísticas, oriundas de estudos sobre a criminalidade no Brasil, o Estado brasileiro ainda não foi capaz de implementar uma política efetiva de redução da criminalidade e, em especial, daquela que afeta os jovens, o que poderia evitar o sentimento de medo

permanente e os prejuízos à saúde mental desse segmento social.

Quando nos referimos à saúde mental, buscamos apoio no que sustenta a Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS), para quem a saúde mental vai além da ausência de transtornos mentais, e constitui uma parte da saúde. Assim, não há saúde sem a saúde mental, que agrega um conjunto de fatores socioeconômicos, biológicos e ambientais. Trata-se, portanto, de um estado de bem-estar, por meio do qual um indivíduo realiza suas habilidades, pode lidar com as tensões normais da vida, trabalhar de forma produtiva e ser capaz de fazer contribuições a sua comunidade, desenvolvendo habilidades de pensar, se emocionar e interagir com os outros (ONU, 2016).

Ainda de acordo com a OMS, diversos fatores podem colocar em risco a saúde mental dos indivíduos. Entre eles, destacam-se as rápidas mudanças sociais, as condições de trabalho estressantes, a discriminação de gênero, a exclusão social, o estilo de vida não saudável, a violência e a violação de direitos humanos (ONU, 2016).

A violência, fenômeno que se produz e reproduz com maior intensidade nos espaços das cidades e se origina dos processos sociais, históricos e culturais, tem como uma das suas formas a criminalidade, constituída pelo conjunto de crimes que são cometidos em um determinado tempo e lugar. O medo do crime é um sentimento que se tornou trivial na vida das pessoas, independentemente dos locais onde habitam e dos vínculos que estabeleceram com esses locais. Entretanto, nas áreas mais vulneráveis à violência, reconhecidas pela frequência de ocorrências criminais, a expectativa de vitimização tem efeitos mais concretos na vida dos moradores, seja nas suas práticas cotidianas, seja nas condições emocionais necessárias para manter a saúde mental.

Inibir atitudes, restringir iniciativas e impor a abstenção de vida social são algumas armadilhas do medo do crime, que se dissemina e colabora para o estado real de sofrimento antecipado, precipitando fobias e perturbações no campo psíquico. A despeito da convicção de que certa quantidade de medo é considerada como um recurso necessário de sobrevivência e de defesa dos indivíduos (DANTAS; SILVA JÚNIOR; PERSJIN, 2006), a dúvida que se manifesta é quanto à manutenção do nível apropriado de medo na proporção dos níveis reais de risco.

Um caminho para se refletir acerca dessa questão foi observar e ouvir adolescentes moradores da periferia que, em tese, desenvolvem o hábito de circular pelas ruas do bairro em busca de alternativas de lazer, não disponíveis na maioria dessas áreas; de contato social, pela necessidade de formar grupos de amizade e compar-

tilhar suas expectativas, e, principalmente, das suas atividades cotidianas.

Os adolescentes são pessoas que têm muito contato com a dinâmica local, incluindo os crimes que acontecem nas ruas. Ao mesmo tempo, também são as vítimas mais prováveis da violência. Essas condições favorecem o sentimento de medo do crime e ratificam uma das conclusões que consta do guia *Reducing Fear of Crime: Strategies for Police* (CORDNER, 2010, p. 9), a qual defende que “jovens em idade escolar e jovens adultos costumam queixar-se de sentirem altos níveis de medo do crime [...]”.

Esta pesquisa foi desenvolvida no âmbito de um programa de pós-graduação, com dados produzidos na interação com adolescentes. Procurou-se avaliar suas reações e perturbações oriundas do medo do crime, as quais incluem renúncias, movimentos de retração e ansiedades, ao mesmo tempo em que sobrevém a descoberta de estratégias para lidar com essas situações. O estudo buscou descobrir de que forma o medo do crime altera a rotina e afeta a saúde mental desses adolescentes, moradores da periferia de Belém, onde há maior incidência de ocorrências criminais, se comparada ao centro da capital. O interesse é pela atitude diante do medo e pelas mudanças provocadas por esse sentimento.

O medo do crime como um problema social

O medo do crime como problema social começou a ser percebido nos Estados Unidos da América (EUA), a partir da década de 1960, quando as taxas de

criminalidade cresceram ao ponto de chamarem a atenção dos pesquisadores e dos políticos para a condição das vítimas. As pesquisas para mensurar o sentimento de medo em relação ao crime mostraram que esse sentimento era alto entre a população norte-americana e, a partir de então, as pesquisas sobre esse tema alcançaram outras partes do mundo (BORGES, 2011). Assim, passou-se a reconhecer o medo do crime como uma importante preocupação dos indivíduos e como um fenômeno responsável por mudanças nos hábitos e nas relações sociais, além de ele afetar o bem-estar das pessoas. O assunto ganhou uma posição de destaque no contexto da criminalidade.

Nesse sentido, Zaluar (2004) chama a atenção para o fato que o medo realista do crime, cujas taxas vêm aumentando sistematicamente nas últimas décadas, transformou-se em pavor ou terror irracionais e propiciou a volta da dicotomia entre o bem e o mal no entendimento de várias camadas da população.

Bauman (2009), por sua vez, entende que o medo faz parte de uma dinâmica básica que agregou as principais cidades do mundo, sem que elas pudessem escapar dessa nova imposição global. As cidades globais se tornaram o centro das transformações originadas de um duplo movimento. De um lado, as áreas urbanas concentraram as funções mais avançadas do capitalismo, que se ajustou a uma lógica de redes; por outro lado, as cidades experimentaram novos e intensos fluxos de população e uma redistribuição de renda que as dividiu da seguinte forma: nos bairros nobres concentrou-se a elite global móvel e altamente profissionalizada; e nos

bairros populares, os crescentes cinturões periféricos, reunindo grande quantidade de populações deserdadas. O resultado dessa nova dinâmica estrutural das cidades, oriunda do processo de globalização, está assim descrito:

O efeito desse duplo movimento é evidente na vida cotidiana de quem mora na cidade contemporânea: enquanto os bairros centrais são valorizados e tornam-se objeto de grandes investimentos urbanísticos, outras áreas são corroídas pela degradação e tornam-se marginais. Quem possui recursos econômicos ou tem condições de deslocar-se tenta se defender criando verdadeiros enclaves, nos quais a proteção é garantida por empresas privadas de segurança, ou transferindo-se para áreas mais tranquilas e nobres. Os mais pobres (ou seja, aqueles que são obrigados a permanecer onde estão) são forçados, ao contrário, a suportar as consequências mais negativas das mudanças. Isso só pode gerar um crescente e difuso sentimento de medo (BAUMAN, 2009, p. 8-9).

A divisão das cidades também concentra os riscos, e as vítimas preferenciais da violência e do medo são as pessoas que convivem com as escassas possibilidades e condições materiais dos bairros pobres, as quais também são estigmatizadas socialmente. A vulnerabilidade social e econômica desses locais torna-os um campo propício para a prática de determinados tipos de crime, e a intensidade das ocorrências no meio social determina a proporção do medo entre os moradores. Esse sentimento, por sua vez, acarreta prejuízos psicológicos, custos emocionais e sofrimento humano, deixando marcas que determinam mudanças dos hábitos cotidianos e comportamentais.

Mudanças de comportamento social das pessoas devido ao medo do crime tornaram-se comuns e constituem uma forma de adequar a vida social ao ritmo desse fenômeno, que não pode ser ignorado. O medo e a criminalidade são assuntos prevalentes, que provocam uma diversidade de interpretações e, em geral, estão presentes nas conversas entre as pessoas, que por sua vez desejam alertar seus interlocutores e apresentar as suas estratégias de enfrentamento. Esse tipo de diálogo é denominado “fala do crime”, que Caldeira (2000) usou para se referir aos relatos cotidianos das vítimas de qualquer situação violenta, como destacado a seguir:

[...] O medo e a fala do crime não apenas produzem certos tipos de interpretação e explicações, habitualmente simplistas e estereotipadas, como também organizam a paisagem urbana e o espaço público, moldando o cenário para as interações sociais que adquirem novo sentido numa cidade que progressivamente vai se cercando de muros. A fala e o medo organizam as estratégias cotidianas de proteção e reação que tolgem os movimentos das pessoas e restringem seu universo de interações (CALDEIRA, 2000, p. 27).

A “fala do crime” também pode ser representada pelas pessoas que convivem com a “expectativa do crime”, tendo em vista as suas condições concretas de vida social. Essa é a realidade dos adolescentes ouvidos nesta pesquisa, moradores de uma “área vermelha” marcada pela criminalidade crescente.

Metodologia

Com o propósito de ouvir adolescentes da faixa etária entre 15 e 17 anos, moradores de um bairro periférico de Belém, foi realizada, inicialmente, uma seleção, por sorteio, entre os dez bairros periféricos considerados pela Secretaria de Defesa e Segurança Pública como “áreas vermelhas”¹. Em seguida, como forma de reunir os adolescentes, optou-se por alunos de uma escola pública estadual do bairro sorteado. Assim, a pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Luiza da Costa Rego, localizada no bairro do Bengui, com 28 alunos do ensino médio, no período de agosto a outubro de 2016. A participação na pesquisa se deu de forma voluntária, o critério apenas obedeceu às variáveis já referidas.

Foram realizados os contatos iniciais com a equipe pedagógica da escola, para apresentar os objetivos da pesquisa e solicitar autorização para o acesso às turmas e convidar os alunos a participar da pesquisa. Posteriormente, foram realizadas entrevistas com grupos de alunos, utilizando recursos para sua gravação e com anotações em registros de campo.

As entrevistas foram divididas em temas, de acordo com o objetivo geral da pesquisa e com a ordem do roteiro das questões, o qual sofreu acréscimos e subtrações no decorrer do trabalho de campo. O primeiro tema tratado foi “criminalidade e o medo do crime”. O segundo foi “efeitos do medo do crime na rotina e na saúde mental”.

¹ Bairros com os maiores números de registros de ocorrências criminais, segundo as estatísticas da Secretaria de Defesa e Segurança Pública do Estado do Pará (Segup). A Secretaria apresenta um ranking das dez principais “áreas vermelhas” do município de Belém.

Ressalta-se que essa mesma metodologia de pesquisa será desenvolvida em mais duas escolas de outras “áreas vermelhas” do município de Belém, como forma de confrontar as realidades e, portanto, ampliar as descobertas sobre o problema estudado. Assim, espera-se oferecer subsídios para as distintas abordagens necessárias para o enfrentamento dessa questão de vulnerabilidade social e psicológica vivenciada por jovens residentes em bairros pobres, especialmente no município de Belém.

Resultados e discussão

Foram entrevistados 17 adolescentes do sexo feminino e 11 do sexo masculino que frequentavam o ensino médio da escola selecionada.

As Tabelas de 1 a 4 trazem os principais resultados do estudo, com base na divisão de temas prevista na proposta metodológica. Nas colunas constam as categorias relativas ao grupo dos pesquisados, as quais foram subdivididas entre as variáveis sexo e faixa de idade. Essa subdivisão objetiva indicar a alteração na rotina e os efeitos na saúde mental dos diferentes grupos.

Falar de crime e de violência nessas áreas consideradas “perigosas” provoca certo desconforto nas pessoas, seja pelo incômodo em admitir que façam parte de um ambiente marcado por um aspecto social negativo, seja porque, em muitos casos, mantêm relações muito próximas com criminosos. Assim, identificou-se certo retraimento dos adolescentes, apesar do visível desejo de falar sobre a situação de criminalidade no bairro e sobre o medo que sentem ao circularem por suas ruas.

Embora alguns adolescentes não tenham sofrido qualquer tipo de violência, eles também buscam meios para se proteger e o sentimento de medo faz parte do seu cotidiano. Durante as conversas com os grupos, percebeu-se a formação do que Eckert (2002) chama de “cultura do medo”. Para os pesquisados, a “cultura do medo” não é um produto dos exageros da mídia, pensamento que se tornou comum entre os estudiosos, quando sustentam que “a falsa sensação de medo é potencializada sobremaneira pelos meios de comunicação, verdadeiros veículos de ressonância que não economizam em reportagens sensacionalistas e exploração comercial de temas envolvendo criminalidade” (CASTRO; MATRAK FILHO; MONTEIRO, 2011, p. 97). Neste caso, o medo se origina de uma realidade objetiva, pautada nas experiências como vítima ou como testemunha dos crimes que ocorrem no bairro onde esses adolescentes residem.

Estudiosos como Glassner (2013) e Baiert (2004) admitem a cultura do medo e concordam quanto a sua influência no território, no tecido urbano e na formação do imaginário dos indivíduos, tendo como resultados o sentimento coletivo de insegurança e as alterações no cotidiano, orientados por uma percepção que nem sempre corresponde ao nível real do risco. Nessa direção, Miranda (2011) acredita que o medo existe, independentemente da realidade factual de violência, e mesmo quando as ocorrências de crimes diminuem em um determinado local, esse sentimento se mantém porque tem “vida própria”. Uma pessoa que interiorizou uma visão de mundo que inclua a insegurança e a vulnerabilidade recorrerá, rotineiramente,

te, mesmo na ausência da ameaça real, às reações adequadas a um encontro imediato com o perigo.

Diante de situações de violências ou ameaças, os adolescentes, de modo geral, não costumam reagir, especialmente os do sexo feminino e aqueles com idade entre 15 a 16 anos. Isso ocorre devido à orientação de não enfrentar os criminosos, que muitos recebem dos pais ou responsáveis. O sentido é a preservação da vida em detrimento dos bens materiais. Entretanto, não reagir ao ato, mas ficar indignado é uma forma de reação emocional, e esse tipo de reação alcançou, de forma abrangente, as diferentes categorias, com destaque para adolescentes do sexo masculino, os quais se mostraram mais intolerantes com a perda dos seus pertences.

A possibilidade de agir com violência diante de uma investida criminosa teve pouca participação do sexo feminino. Os rapazes e os mais velhos demonstraram mais ousadia e revolta, assinalando a in-

tolerância à vitimização. Nenhuma garota afirmou que reagiria se percebesse a fraqueza do opositor, para o que se sobressaíram os adolescentes mais velhos do sexo masculino, que avaliavam a possibilidade de reagir diante da aparente fragilidade física do criminoso e da ausência de armas.

Sobre as estratégias criadas para enfrentar o medo do crime, as redes de comunicação são as mais valorizadas. Nota-se que adolescentes do sexo feminino e os mais novos costumam retrair mais as suas ações cotidianas para evitar o perigo, por isso também recorrem mais às estratégias de enfrentamento. Já os adolescentes mais velhos e do sexo masculino são mais ousados e menos temerosos, daí a proporção do uso das estratégias destes últimos ser menor em relação aos demais. No campo da construção social das estratégias nota-se que o sentimento de medo tende a suscitar mecanismos criativos de prevenção e defesa, quando se trata de enfrentar ações violentas (Tabela 1).

Tabela 1 - Proporção de adolescentes, por sexo e faixa etária, segundo reação quando são vítimas de atos de violência. Belém (PA), 2016. Em %

Reação quando são vítimas de atos de violência	Sexo Feminino	Sexo Masculino	De 15 a 16 anos	Mais de 16 a 17 anos
Não reagiu ou não reagiria porque foi orientado(a) pelos pais ou responsáveis, mas se sente frágil e impotente.	88,20	72,70	81,20	83,30
Não reagiu ou não reagiria, porque foi orientado(a) pelos pais ou responsáveis, mas fica indignado(a) e se revolta contra a impunidade dos criminosos.	88,20	90,90	87,50	91,70
Não reagiu ou não reagiria porque se sente impotente, mas se pudesse reagiria com violência.	70,60	90,90	62,50	75,00
Reagiu ou reagiria se percebe que pode enfrentar o opositor.	0,00	90,90	50,00	75,00

Fonte: elaboração própria.

As adolescentes do sexo feminino estão mais propensas a alterar as suas rotinas por causa do medo do crime, e a renúncia da liberdade em favor da segurança inclui a necessidade da companhia de pessoas que supostamente possam protegê-las de situações perigosas. Também costumam abdicar da própria vaidade, quando adotam uma vestimenta básica e eliminam

ou camuflam os acessórios para não despertar o interesse de criminosos sobre os seus pertences. Neste ponto a discussão se concentrou na frustração dos adolescentes pela perda da liberdade, e nos limites que o crime e o medo impõem. A principal questão se refere à oscilação entre preservar a segurança ou manter a liberdade (Tabela 2).

Tabela 2 - Proporção de adolescentes, por sexo e faixa etária, segundo estratégias criadas para lidar com o medo do crime. Belém (PA), 2016. Em %

Estratégias criadas para lidar com o medo do crime	Sexo Feminino	Sexo Masculino	De 15 a 16 anos	Mais de 16 a 17 anos
Reduziu as atividades sociais.	82,30	63,30	75,00	66,70
Prefere andar e se divertir em grupos.	88,20	54,50	68,75	41,70
Adota diferentes horários de retorno das diversões.	41,20	72,70	50,00	58,30
Não usa utensílios e acessórios que chamam atenção pelo valor monetário.	88,20	36,40	56,20	41,70

Fonte: elaboração própria.

A rotina dos adolescentes sofre os efeitos do medo do crime na medida em que são introduzidas mudanças no estilo de vida social e no ritmo das atividades cotidianas. Adolescentes do sexo feminino e que estão na faixa entre 15 e 16 anos estão mais inclinados a flexibilizar as suas rotinas, por causa do medo, do que os do sexo masculino e aqueles com idade entre 16 e 17 anos. Chama a atenção o efeito que conduz ao “uso de roupas básicas, poucos ou nenhum acessório, em especial relógios e joias”, adotado por parte significativa do conjunto dos adolescentes. (Tabela 3).

Baumam (1998) problematizou sobre liberdade e segurança como fatores dis-

sociáveis no mundo atual e mostrou que liberdade e segurança se colocam em diferentes polos para o homem moderno. A escolha por uma das duas condições impõe sérias restrições à outra. Os adolescentes vivenciam esse conflito na vida diária e alguns assumiram que em determinadas ocasiões se sentiram seduzidos pelo desejo de exibir novos acessórios e resolveram enfrentar os riscos e o medo. Para uma parte desses adolescentes, a tensão gerada por esta decisão, decorrente da produção dos “fantasmas do medo”, teve custos emocionais mais intensos do que o sentimento de frustração, provocado pela limitação do uso de acessórios.

Tabela 3 - Proporção de adolescentes, por sexo e faixa etária, segundo efeitos do medo do crime na rotina. Belém (PA), 2016. Em %

Efeitos do medo do crime	Sexo Feminino	Sexo Masculino	De 15 a 16 anos	Mais de 16 a 17 anos
Redução do ritmo de circulação nas ruas do bairro.	76,40	45,40	62,50	50,00
Necessidade de companhia para sair em determinados horários.	82,30	45,40	75,00	58,30
Redução dos encontros com os amigos, em especial à noite.	70,60	36,30	62,50	41,70
Uso de roupas básicas, poucos ou nenhum acessório, em especial relógios e joias.	82,30	72,70	81,20	75,00

Fonte: elaboração própria.

Os efeitos do medo do crime na saúde mental são constatados por quase todos os adolescentes, mesmo quando não há uma relação objetiva com a realidade. A ansiedade e o estresse provocam nas mulheres o sentimento de autopiedade e fertilizam as suas imaginações sobre a possibilidade de serem vítimas dos mais variados tipos de violência. Enquanto nos homens estimulam a raiva, a revolta e o desejo de vingança, sentimentos impelidos pelo descrédito no sistema de justiça e nas demais instituições responsáveis pela segurança do cidadão (Tabela 4). O comentário mais expressivo acerca dos efeitos mencionados pode ser assim resumido:

Eu passo mal só de pensar em ir a pé para a escola, tenho pavor de alguém me seguir, de ser estuprada. Vou rezando até chegar lá. Se eu sentir que alguém se aproxima para falar comigo minhas mãos gelam, sinto medo, pânico. (A.B.C., 17 anos).

Nesse depoimento, percebe-se o que o medo faz no funcionamento do corpo e da mente dos adolescentes. Em relação aos efeitos provocados pelo medo, especialmente nas mulheres, pode-se supor que caminham em direção ao “medo doentio”, que segundo Dantas, Silva Júnior e Persjin (2006) consiste na sensação da antecipação ou de angústia e ansiedade de se tornar vítima (anticipation of victimization) do crime, sem uma relação lógica com a realidade, o que acarreta prejuízo significativo da qualidade de vida individual e, eventualmente, coletiva.

De modo geral, as mulheres costumam demonstrar mais medo do que os homens, mas em termos práticos os homens são mais vitimizados. Quando se trata de idade, as diferenças decorrem dos tipos de medo. Os jovens experimentam muito mais o medo concreto², que diminui na medida em que a idade aumenta, enquanto o medo difuso³ é maior entre os mais velhos (RICO; SALAS, 1992).

2 Corresponde ao receio de ser pessoalmente vítima de uma determinada infração.

3 Quando a pessoa considera o delito uma ameaça geral e longínqua.

Tabela 4 - Proporção de adolescentes, por sexo e faixa etária, segundo efeitos do medo do crime na saúde mental. Belém (PA), 2016. Em %

Efeitos do medo do crime na saúde mental	Sexo Feminino	Sexo Masculino	De 15 a 16 anos	Mais de 16 a 17 anos
Ansiedade e estresse quando percebem pessoas suspeitas.	82,30	63,30	75,00	58,30
Imaginação de cenários violentos estando na condição de vítima.	88,20	36,30	68,75	41,70
Sentimento de raiva, por causa das limitações impostas pela violência.	88,20	100,00	87,50	100,00
Desejo de vingança contra aqueles que subtraíram seus objetos ou lhe causaram dano físico.	41,20	9,10	56,20	83,30
Sentimento de autopiedade.	76,40	27,20	43,75	33,30

Fonte: elaboração própria.

Em síntese, os resultados expressam as formas de lidar com o aumento da criminalidade e o medo do crime que os adolescentes da periferia de Belém (PA) estão experimentando. Também indicam mudanças na maneira de viver e no comportamento dos adolescentes, que buscam ajustar suas ações às circunstâncias impostas pelo crescimento da criminalidade no bairro. Enquanto não são favorecidos por políticas públicas mais efetivas, tentam se esquivar dos riscos concretos ou imaginários, criando estratégias para garantir a sua segurança.

Durante a pesquisa, em reiteradas ocasiões os adolescentes sinalizaram que não estão expostos apenas à violência das ruas e ao medo dela decorrente, e quando se trata de situações que envolvem pessoas conhecidas os efeitos são mais perversos, as estratégias são outras e exigem ações e comportamentos cuidadosos. Apesar desse indicativo, os adolescentes não estavam completamente acessíveis para falar sobre

esse tema e, por isso, evitamos ampliar os rumos da pesquisa.

Considerações finais

Os adolescentes encaram a violência como um aspecto que já faz parte da rotina do bairro, embora reconheçam que se tornou um limite para a liberdade que desejariam experimentar, se vivessem num ambiente com mais segurança.

Acreditam nos efeitos do medo sobre sua saúde mental, porque alguns já manifestam reações físicas diante da expectativa de vitimização. Aqueles que já passaram por experiências violentas assumiram que desenvolveram alguns sintomas que indicam ansiedade e estresse. Alguns também potencializaram sentimentos como a raiva e o desejo de vingança.

Para enfrentar o medo e as ameaças de violências, os adolescentes buscam diferentes estratégias preventivas, mas que também limitam e inibem as ações próprias dessa fase da vida. Os jovens estão

cientes dessa limitação, mas acreditam que só haverá mudanças benéficas quando as instituições de controle social se tornarem confiáveis e com capacidade para conter a desordem da sociedade.

Um aspecto importante é a falta de crédito do poder público, de modo geral, e não apenas quanto ao fator segurança. Os adolescentes ressaltaram que os bairros da periferia são abandonados, bem como as pessoas que residem nesses locais, e esse é

um aspecto que contribui para o aumento da violência e do crime.

Outro fator observado foi que quando a segurança e a liberdade não são asseguradas pelos direitos civis, políticos, socioeconômicos e culturais, a manutenção de um elevado nível de saúde mental torna-se difícil, pois o ambiente deve respeitar e proteger os indivíduos que nele estão inseridos.

Referências Bibliográficas

BAIERL, Luzia Fátima. **Medo social**: da violência visível ao invisível da violência. São Paulo: Cortez, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BORGES, Doriam. **O medo do crime na cidade do Rio de Janeiro**: uma análise sob as perspectivas das crenças de perigo. Curitiba: Appris, 2011.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2000.

CASTRO, Henrique Hoffmann Monteiro de; MATRAK FILHO, Riskala; MONTEIRO, Victor Bomfim. O sistema de segurança pública e o medo do crime. **Revista Ordem Pública e Defesa Social**, v. 4, n. 1 e 2, semestre I e II, p. 91-100, 2011.

CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da Violência**. Rio de Janeiro: IPEA/FBESP, 2017.

CORDNER, Gary. **Reducing Fear of Crime**: Strategies for Police. Washington, DC: The Office of Community Oriented Policing Services, 2010. Disponível em <www.cops.usdoj.gov>. Acesso em: 22 nov. 2013.

DANTAS, George Felipe de Lima; SILVA JÚNIOR, Álvaro Pereira da; PERSJIN, Annik. **O medo do crime**. 2006. Disponível em: <<http://www.observatorioseguranca.org/>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

ECKERT, Cornélia. A cultura do medo e tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA, Carlos E. A. (Orgs.). **Antropologia, Saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2017**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017.

GLASSNER, Barry. **Cultura do Medo**. São Paulo: Francis, 2003.

MIRANDA, Márcia Mathias de. Sociedade, violência e políticas de segurança pública: da intolerância à construção do ato violento. **Revista Eletrônica Machado Sobrinho**, edição 3, jan. a jul. 2011.

ONU. Saúde mental depende de bem-estar físico e social, diz OMS em dia mundial. Nações Unidas Brasil, 10 out. 2016. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/saude-mental-depender-de-bem-estar-fisico-e-social-diz-oms-em-dia-mundial>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

RICO, José Maria; SALAS, Luis. **Delito, insegurança do cidadão e polícia**: novas perspectivas. Rio de Janeiro: Polícia Militar, 1992.

SANTOS JÚNIOR, Aldo Antônio dos; DUTRA, Luis Henrique; SILVA FILHO, Daniel Bernardo da. Levantamento da percepção do medo e do crime em Santa Catarina. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, ano 1, edição 2, p. 94-119, 2007.

ZALUAR, Alba. **Integração perversa**: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: FVG, 2004.

Artigos

Efeitos do medo do crime na rotina e na saúde mental de adolescentes moradores da periferia de Belém (PA)

Rosália do Socorro Silva Corrêa, Jane Farias Ferreira, Maria Lúcia Bahia Lopes e Fabrício Khoury Rebello





**FÓRUM BRASILEIRO DE
SEGURANÇA PÚBLICA**